

Skate – um breve panorama da prática no Brasil, Argentina e Chile

Skateboarding – a brief view of skate practicing in Brasil, Argentina and Chile

Mônica Bento¹

BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (Org). **Skate & skatistas** – questões contemporâneas. Londrina: UEL, 2012. 248 p.

O livro

“Skate & Skatistas – Questões contemporâneas”, lançado em 2012 pela editora da Universidade Estadual de Londrina, traça um panorama da história e da prática do skate no Brasil e traz um breve panorama da situação na Argentina e no Chile. Os organizadores do livro, Leonardo Brandão e Tony Honorato, são bem sucedidos na construção de um breve, porém claro e abrangente, painel da prática.

O skate está presente há mais de 50 anos no país, mas continua precisando se reafirmar com prática válida a todo o momento. Os estereótipos que acompanham a atividade/o esporte podem ter atrasado seu pleno desenvolvimento, mas iniciativas como a dos organizadores do livro e de cada autor em particular, que decidiram aprofundar-se no assunto, ajudam a consolidar a legitimidade dos estudos de uma prática que conquista adeptos que não têm medo de enfrentar obstáculos, físicos e "sociais", e sentir a liberdade de "deslizar pelo chão e pelos ares".

É interessante notar que, apesar da assimilação da atividade pelo mercado e pela mídia, os skatistas continuam enfrentando certo preconceito na sociedade. Resiste no imaginário popular uma associação preconceituosa com o "estilo de vida" dos skatistas, ainda que existam tanto estilos de vida quanto são o número de praticantes.



Foto Skate 1

Surgido a partir do surfe, o skate se desenvolveu de maneira independente, com estilos e manobras que ajudaram a criar uma identidade própria, ainda que múltipla, para a prática.

¹ Jornalista graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa, email: monica.soares.bento@gmail.com.

“O Surfe de Asfalto”

O primeiro artigo, de autoria de Leonardo Brandão, recorre a publicações jornalísticas, notadamente revistas, como “arquivo histórico” para investigar como se deu a introdução da prática do skate no Brasil a partir da década de 1970. O autor busca embasamento em campos de conhecimento diversos (como a Educação Física, a Moda, a História e a Sociologia) para tratar do início do skate no país.

A principal fonte utilizada são as matérias da revista Geração Pop, publicada pela editora Abril de 1972 a 1979, uma das primeiras a trazer notícias sobre a prática do skate no país e que funcionava também como um espaço para veiculação de certos ideais de consumo, de produtos e de um “estilo de vida” jovem. As primeiras matérias sobre skate remetiam ao surfe e ao lazer; somente a partir da segunda metade dos anos 1970 começam a aparecer referências à prática como um esporte e às competições.

De certa forma, o skate surge no Brasil como uma atividade de lazer envolvida em um contexto que lhe deu uma “função” mais profunda na sociedade, ainda que essa função só tenha ficado clara com o distanciamento histórico. Brandão (2012, p 17) explica:

Vistos como um misto de lazer e aventura numa época marcada por um maior controle social, tais atividades ofereciam aos seus praticantes uma alternativa para manifestar excitações em público – ainda que de maneira moderada – e um certo antídoto para as tensões resultantes do esforço contínuo de autocontrole e restrições sociais.

Atividade tipicamente urbana, no Brasil ela se desenvolveu principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Pelo que se pode notar, a cobertura da imprensa teve um papel importante na legitimação da prática, fazendo com que ela deixasse de ser vista apenas como uma “brincadeira” e mostrando quem eram as pessoas que a praticavam.

O artigo também aborda o rápido florescer da atividade na década de 1970 e o surgimento das primeiras pistas, reflexo do crescimento do skate no Brasil. O autor levanta a questão da “mercantilização” do skate, que aconteceu rapidamente e foi um dos fatores responsáveis pela rápida consideração da prática como esporte (questão discutida de modo aprofundado no artigo de Billy Graeff). Ele também recorre a Pierre Bourdieu para identificar aspectos que denotam a transformação da prática em atividade esportiva (como o surgimento de marcas de roupas e acessórios, patrocínios, cobertura contínua da mídia e formação de associações), a partir da percepção de certos elementos

e comportamentos ligados ao skate em determinado momento histórico.

O espaço do skatista - “Skatistas, escola e poder” e “Todos juntos e misturados”

O uso do espaço físico para a prática de skate é fonte de “tensões”, com a apropriação do espaço urbano sendo vista como uma ruptura da ordem esperada e os equipamentos urbanos sendo usados para funções bastante diversas das suas originais.

Tony Honorato, autor do artigo “Skatistas, escola e poder”, destaca que o ambiente escolar agrega crianças e jovens vindos de situações diferentes, ao mesmo tempo em que reproduz as diferenças sociais do ambiente externo. Os skatistas encontram no confronto com a autoridade, representada pelos “adultos responsáveis” da escola, uma maneira de se definirem como praticantes, de se diferenciarem do restante dos frequentadores daquele espaço. Para analisar as relações de poder vividas dentro da escola, o autor faz uma reflexão sobre o que é o poder e como ele se caracteriza no espaço escolar. Através do depoimento de alunos skatistas de escolas de Piracicaba (São Paulo) tem-se exemplos dos “confrontos” que surgem e também casos em que a escola tenta abraçar a prática como modo de envolver seus praticantes. O autor conclui que a todo o momento há um reequilíbrio das forças que coexistem neste espaço e que ora tendem para um lado (a autoridade), ora para outro (os skatistas).

Porém, apesar de estarem unidos pela prática (e talvez até por um mesmo gosto por desafiar o que está estabelecido), os skatistas não formam um grupo coeso e único, mas reúnem-se sob esse nome diferentes subgrupos, cada um com características particulares. É das relações entre esses grupos menores que trata o artigo “‘Todos juntos e misturados’: sociabilidade no pedaço skatista”, de Giancarlo Machado.

O autor se detém sobre a análise de práticas e comportamentos comuns aos participantes dos campeonatos da modalidade street skate, chamados de streeiteiros. Ele observa três tipos de vínculos nos campeonatos: “vínculos entre aqueles [skatistas] que se conhecem” (as relações entre os praticantes que estão se reencontrando); “vínculos entre aqueles que se conhecem virtualmente” (entre os skatistas que já estabeleceram uma relação via internet e estão trazendo-a para a vida real) e “vínculos entre aqueles que passam a se conhecer no próprio campeonato” (skatistas que tomam conhecimento da existência uns dos outros pela primeira vez naquela situação). Todos estes vínculos que são criados, retomados e/ou fortalecidos reforçam a percepção de que os campeonatos desempenham uma importante função social na vida do skatista que deseja

ser (re)conhecido pelos patrocinadores ou pelo público e também por seus pares.

Também estão identificadas no artigo outras formas de sociabilidade, como a que se estabelece através da categoria dos competidores, pelo gosto musical ou através do gênero (a presença de mulheres nas competições é, em geral, muito menor que a dos homens). O autor faz questão de apontar que nenhum dos subgrupos é imutável e exclusivo, ou seja, há um movimento constante entre os membros, que circulam por vários subgrupos ao longo do campeonato.

4



Foto Skate 2-

As competições de skate, principalmente devido aos patrocínios e à exposição na mídia, passaram a atrair espectadores além dos praticantes.

Domando o corpo - “As Dimensões do Risco”

O artigo de Maurício Bacic Olic, “As dimensões do risco: ou como o skatista se torna um agrimensur do seu próprio corpo”, aborda um dos aspectos mais elementares da prática do skate: a questão corporal. Ao decidir iniciar a prática, o futuro skatista assume os riscos advindos da exposição que o corpo sofre; para desenvolver técnicas e habilidades é preciso empurrar os limites conhecidos pelo corpo a fim de descobrir maneiras de levá-lo a outro patamar. Quando os limites ficam para trás, segundo o autor, é marcado o momento em que o praticante se insere de vez no universo do skate, e, de certa forma, assume este estilo de vida; quando o prazer decorrente das manobras supera o medo, o desejo por reviver aquelas sensações impulsiona o skatista.

Olic cita ainda as diferenças entre os skatistas que buscam “radicalizar” (extrapolar os limites sem pensar tanto nas consequências), ação mais comum entre os menos experientes, e aqueles que tendem a se preservar, adotar o que o autor chama de “economia do movimento” a fim de evitar danos ao corpo, comportamento mais comum entre os praticantes mais velhos, chamados de “old schools”.

O artigo mostra que não existe um único “andar de skate”, mas várias maneiras de fazê-lo, cada um desenvolvendo o estilo que melhor se adéqua a seus gostos e aos limites de cada corpo (e uma “deficiência física” por si só não é impedimento para um atleta do skate; ele vai apenas criar uma nova maneira de andar, “sob medida” para seu corpo, por exemplo). Para Olic (2012, p. 94),

diferentes técnicas corporais indicam, portanto, como o jovem, na medida em que começa a andar de skate, passa a produzir não somente manobras, mas uma estética de gestos e movimentos que carregam consigo marcas da pluralidade e da fluidez existente no estilo de vida skatista

O skatista, por natureza, deve procurar contornar a dificuldade do corpo para atingir o prazer. Sua relação com o medo seria um dos diferenciais entre os praticantes que sucedem daqueles que desistem. Mas deve-se notar que cada skatista é o “juiz” de seu corpo, ele quem julga seus próprios limites, e não há nada de errado em reconhecê-lo e adotar uma prática adequada a eles.

“Skate e o seu design gráfico” - uma breve análise

Se as primeiras pranchas de skate foram adaptações feitas a partir das pranchas de surfe, hoje o mercado de pranchas é extremamente variado e profissional, com opções para todos os gostos. O artigo de Tiago Cambará Aguiar mostra como o desenvolvimento do design no skate acompanhou os momentos históricos da prática e como “o contexto em que o skate era praticado determinou as características singulares de seu design gráfico” (AGUIAR, 2012, p. 123). Uma das origens do costume de “decorar” o skate vem da Califórnia, com um grupo conhecido com Z-boys, que andava de skate nas piscinas vazias de casas do estado nos anos 1970. Esse comportamento “intransigente” ajudou a criar uma aura em torno dos praticantes de pessoas sem medo de enfrentar o que estava estabelecido e que não queriam se adequar ao que a sociedade esperava. Essa imagem acompanha o skate até hoje o se reflete no mercado que se criou em torno da prática.

O artigo traz um panorama da decoração das pranchas: no início, a produção era

quase “artesanal”, com as ilustrações feitas “sob medida” para cada skatista. A produção se profissionalizou já no final dos anos 1970, com a fabricação em série de pranchas com certo design gráfico; a tendência de decoração foi apropriada pelo mercado a partir dos anos 1980, mesma época em que surgiram os *pro models*, modelos de pranchas assinados por skatistas profissionais e famosos que fizeram bastante sucesso. Nos anos 90 a prática voltou um pouco à marginalidade e as pranchas também refletiram o espírito de “sub cultura” adotado por parte dos praticantes, com ilustrações e referências a armas, drogas e uma postura sarcástica em relação a quem era “de fora”.

As empresas produtoras se adaptaram para atender a este público, sem deixar de fora quem não se identifica com esse “modo de vida”. Hoje, pode-se dizer que o design é plural, como as origens e vontades dos praticantes, mas é único porque reflete o prazer que todos vivenciam no mesmo esporte.

“O Skate Feminino no Brasil”



Foto 3 - O skate feminino ainda encontra barreiras para se consolidar como prática legítima de garotas, mas as praticantes se mostram sem medos para conquistar seu espaço.

É interessante notar que o artigo sobre as mulheres no skate é o único de autoria feminina, assinado por Márcia Luiza Machado Figueira e Silvana Vilodre Goellner. Em sua pesquisa, elas apontam que a maioria da informação sobre o skate feminino no Brasil foi produzida pelas próprias garotas praticantes, que tiveram uma atitude protagonista, usaram dos meios disponíveis e se beneficiaram da internet para se fazer ver. O primeiro site dedicado ao tema, Skate para Meninas, e o Blog Unidas pelo Carinho, surgiram em 2002; antes, as skatistas apareciam basicamente no Ranking de Skate Feminino, cuja classificação permitia a atletas competir em um campeonato internacional nos Estados Unidos. A experiência dessas atletas fora do país impulsionou a criação da Associação Brasileira de Skate Feminino, em agosto de 2002.

Através do artigo percebe-se que elas correram atrás e tiveram que batalhar espaço na mídia e o reconhecimento da sociedade. A consolidação do skate feminino no Brasil é marcada por uma consciência das ações: nada vem “naturalmente”, tudo é (e foi

desde o início) consequência do esforço das meninas praticantes.

“O que é, o que é ... Skate?”

Definir o skate dentro do universo dos esportes não é tarefa fácil, mas Billy Graeff se propõe a analisar algumas características da prática e discutir como elas se apresentam em relação à organização de outros esportes. O autor introduz o conceito de “fazer o corre”, que é a expressão do skatista como um ser ativo, agindo individualmente de modo a se garantir no esporte. O processo de “esportivização” do skate, com o estabelecimento associações, regras e competições oficiais, ganha espaço, mas, segundo o autor, a maior parte dos praticantes não considera isso o mais importante.

O skate não é visto como um meio de ascensão social e, como esporte, tem muitas particularidades, por exemplo, um skatista pode ser reconhecido sem ganhar competições, apenas aparecendo em revistas e criando um estilo que se destaca. Isso tem a ver com a atitude de “independência” de quem procura o skate, desinteressado em adequar-se ao que esperam dele, a seguir regras, entre outras razões. A mídia se apropriou do skate, a prática se “burocratizou”, mas os skatistas mantêm o espírito de liberdade tão característico. O autor retoma a origem do conceito de esporte como o entendemos hoje, como uma maneira de “controlar” impulsos, de definir um ambiente e momento para “liberar” a agressividade; pela natureza do skate, ele se adapta a essas questões de maneira muito peculiar. Para a maioria dos praticantes, o skate é um estilo de vida, mais que um jeito de ganhar a vida (ainda que isso não seja condenável).

O skate sul-americano - “La lógica interna del skate” e “El skate uma practica deportiva de transversalidad sociocultural em los jóvenes chilenos”

Dois artigos em língua espanhola trazem estudos sobre o skate desenvolvidos na Argentina (“La lógica interna del skate”, de Jorge Ricardo Saravi) e no Chile (“El skate uma practica deportiva de transversalidad sociocultural em los jóvenes chilenos”, de Miguel Cornejo, Gamal Cerda e Alejandro Villalobos). Em razão do idioma, não aprofundaremos os comentários sobre tais artigos, mas é importante salientar que a inclusão de pesquisas feitas em outros países, geograficamente próximos, mas culturalmente bastante diversos do Brasil, enriquece o livro e ajuda a ampliar os

conhecimentos do leitor sobre as diferentes configurações assumidas pela prática.

Conclusão

Os nove artigos reunidos no livro abordam desde a chegada da atividade no país, na década de 1960, oriunda dos surfistas da Califórnia, passando pelas particularidades da prática, o que a caracteriza como esporte e o que a distancia dessa denominação, a presença das mulheres no meio historicamente dominado pelos homens, o desenvolvimento de um "mercado" que atende às necessidades materiais da prática, as relações de poder que se originam da ocupação e uso de determinados espaços, as relações sociais que se formam entre os praticantes, entre outros pontos.

Ao final, tem-se um painel amplo, que aponta em várias direções com possibilidades de aprofundar pesquisas e iniciar reflexões acerca de uma prática que, ainda recente, já ocupa um espaço legítimo dentre as opções de lazer no Brasil e em outros países.

Fontes das imagens

1 - http://content1.espn.com.br/image/wide/622_0cae9c9c-1723-318d-b0b8-5f53cac60108.jpg

2

<http://www.redbull.com.br/cs/RedBull/RBImages/000/000/29/613/photo610x343a/Pedro%20Barros.jpg>

3 - http://divaskateras.com/wp-content/gallery/fotossp/thumbs/thumbs_184082_1701768243924_1829518791_1109480_1727783_n.jpg

*Recebido em agosto de 2012.
Aprovado em novembro de 2012.*